Revista Práxis Pedagógica (RPP) e-ISSN: 2237-5406

DOI: https://doi.org/10.47209/tychhd11

Relações entre escola e saberes afrodiaspóricos: relatos de povos de terreiros

Relaciones entre la escuela y los saberes afrodiaspóricos: relatos de pueblos de terreiros

Relationships between school and Afro-diasporic knowledge: reports from terreiro communities

Reginaldo Ferreira Domingos[1]
Universidade Federal do Cariri

Maria Ariany Oliveira da Silva[2]
Universidade Federal do Cariri

Resumo
O presente trabalho busca analisar, a partir dos relatos de povos de terreiros da cidade de Brejo Santo–CE, as formas pelas quais a escola tem se relacionado com os fazeres afrodiaspóricos e com os sujeitos iniciados. Inicialmente, foi realizado um mapeamento das manifestações culturais de matriz africana presentes no município. A pesquisa teve início com estudos bibliográficos, especialmente em Cunha (2020), no que se refere a bairros de maioria negra e às características desses territórios, suas culturas e práticas sagradas afrodiaspóricas. Em seguida, tomando como referência Domingos (2019), desenvolveram-se conversas, entrevistas, registros e interações com dirigentes de terreiros, cujos relatos evidenciam situações de racismo religioso. Trata-se, portanto, de um estudo ainda em andamento, com resultados parciais, que permitem identificar tanto a diversidade de crenças religiosas na cidade quanto a ocorrência de tratamento diferenciado e de manifestações de racismo religioso no ambiente escolar, segundo os depoimentos coletados.
Palavras-chave: escolas; Lei 10.639; cultura; racismo religioso.

Resumen
El presente trabajo busca analizar, a partir de los relatos de los pueblos de los terreiros de la ciudad de Brejo Santo (Ceará), las formas en que la escuela se ha relacionado con las prácticas afrodiaspóricas y con los sujetos iniciados. Inicialmente, se realizó un mapeo de las manifestaciones culturales de matriz africana presentes en el municipio. La investigación comenzó con estudios bibliográficos, especialmente en Cunha (2020), en lo que se refiere a los barrios de mayoría negra y las características de estos territorios, sus culturas y prácticas sagradas afrodiaspóricas. A continuación, tomando como referencia a Domingos (2019), se desarrollaron conversaciones, entrevistas, registros e interacciones con dirigentes de terreiros, cuyos relatos evidencian situaciones de racismo religioso. Se trata, por lo tanto, de un estudio aún en curso, con resultados parciales, que permiten identificar tanto la diversidad de creencias religiosas en la ciudad como la existencia de un trato diferenciado y de manifestaciones de racismo religioso en el entorno escolar, según los testimonios recopilados.
***Palabras clave**: escuelas; Ley 10.639; cultura; racismo religioso.*

[1] Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Adjunto IV da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Profhistória na Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: reginaldo.domingos@ufca.edu.br - ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1205-5063.
[2] Graduada em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais. E-mail: silva.ariany@aluna.ufca.edu.br - ORCID: https://orcid.org/0009-0001-6700-2030.

DOI: https://doi.org/10.47209/tychhd11

Abstract
This paper seeks to analyze, based on the accounts of yard peoples in the city of Brejo Santo–CE, the ways in which schools have related to Afro-diasporic practices and the initiated individuals. Initially, a mapping of the African matrix cultural manifestations present in the municipality was carried out. The research began with bibliographical studies, especially in Cunha (2020), regarding neighborhoods of mostly Black populations and the characteristics of these territories, their cultures, and Afro-diasporic sacred practices. Next, using Domingos (2019) as a reference, conversations, interviews, records, and interactions were developed with leaders of yard, whose accounts highlight situations of religious racism. This is, therefore, an ongoing study with partial results, which allow for the identification of both the diversity of religious beliefs in the city and the occurrence of differential treatment and manifestations of religious racism in the school environment, according to the collected testimonies
Keywords*: schools; Law 10.639; culture; religious racism.*

1 INTRODUÇÃO

Este referido trabalho é fruto de um projeto de Iniciação Científica (IC), o qual foi desenvolvido ao longo dos últimos anos no âmbito da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PRPI/ UFCA). Sendo que nesse referido trabalho, indagações referentes aos dados resultantes da pesquisa no período de agosto de 2024 a agosto de 2025.

Essa investigação se conecta diretamente com a Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas. Mais do que uma exigência legal, essa conquista representa o resultado de uma luta histórica do movimento negro e abre espaço para pensar caminhos de inclusão e valorização dessas narrativas na educação básica.

Sabemos que é de longa data a história de discriminação a povos de religiões africanas, principalmente Candomblé e Umbanda. Nesse sentido que surgiram leis que determinam a liberdade religiosa. Portanto, na mais recente Constituição Federal de 1988, a liberdade de crença e seu exercício de cultos são garantidos em seu artigo 5°, inciso VI, também presente no Estatuto da Igualdade Racial, Lei 12.288/2010. Entretanto, a lei não é aplicada pela sociedade, e o direito à liberdade religiosa fica destinado e restrito apenas a algumas religiões específicas, deixando outras esquecidas e vítimas de racismo.

O contexto histórico do Brasil é marcado por lutas, resistência, desde a formação inicial do país, no período colonial, que grupos de descendentes de africanos chegam trazendo consigo uma bagagem histórica do seu país de origem.

Antes de embarcar para o Brasil, esses povos eram obrigados a esquecer sua

DOI: https://doi.org/10.47209/tychhd11

origem, crenças e religiões deveriam adotar a cultura dos portugueses, principalmente a religião. Segundo Guedes (2012), na África havia um mito em que os escravizados eram obrigados a dar voltas em torno de uma árvore, a árvore do esquecimento. Depois disso, suponha-se que os escravizados perdiam a memória e esqueciam suas origens, crenças e costumes. Diante disso, quando chegavam a terras brasileiras, sua identidade passou por grande processo de transição, onde aconteceu um misto de religiões de matriz africana com o catolicismo.

Essas religiões são comuns nos bairros urbanos e muitos alunos de diversas religiões também estão presentes na escola, de tal forma a desenvolver o preconceito entre estudantes, entendendo que esse misto é fruto de uma herança colonial, onde a minoria sempre foi tratada com inferioridade pelos povos elitizados, sabendo disso, torna-se necessário um estudo de como se dá essa relação da cultura do bairro com a escola.

Compreender como a cultura dos alunos se conecta com a escola é crucial para promover a valorização da cultura local e da identidade afro-brasileira, prevenindo as diferentes formas de discriminação. Diante disso, a pesquisa sempre busca entender como essas culturas se expressam no ambiente escolar, especialmente em relação às religiões de origem africana. Contudo, na escola situada no bairro onde a comunidade estuda, ainda são observadas situações de racismo, justamente em um espaço que, por lei, deveria atuar no enfrentamento dessas práticas e na promoção de informação e respeito aos princípios de igualdade.

A partir dessas reflexões, surgiu o seguinte questionamento que tornou os objetivos específicos: Como os estudantes de religiões de matriz africana são recebidos na escola? Pontuar aspectos geográficos e históricos como pano de fundo para as organizações de bairros no Brasil atualmente. Observar qual a relação entre a implementação da lei 10.639 nas escolas e as manifestações culturais de matriz africana presentes nas comunidades onde os alunos residem? Portanto, para responder essas questões, a pesquisa possui como objetivo geral, identificar mediante relatos de povos de terreiros da cidade de Brejo Santo–CE, as diferentes formas que a escola tem se relacionado com os fazeres afrodiaspóricos e com os iniciados.

DOI: https://doi.org/10.47209/tychhd11

2 METODOLOGIA

Este trabalho é de natureza qualitativa. De acordo com Minayo (2014) a pesquisa qualitativa se concentra em analisar os aspectos da realidade dos indivíduos que não podem ser quantificados, explorando significados, motivações, aspirações, crenças, valores, costumes e comportamentos.

Esta referida pesquisa realizada entre agosto 2024 e agosto de 2025 anterior a qual realizou-se o mapeamento das manifestações culturais de matriz africana, prosseguiu com foco central em investigar como acontece a relação dos povos de terreiros com a escola do bairro que essas pessoas frequentam.

Inicialmente a pesquisa se desenvolveu com estudos bibliográficos, utilizado livros e artigos de autores que se destacam na área, buscando conhecer melhor a perspectiva da pesquisa. Sendo assim, segundo Leite (2008) o estudo teórico é um procedimento crucial para o contato com o tema e o problema, tornando assim a pesquisa de grande importância para a valorização das religiões de matriz africana.

Nesta medida, “a pesquisa bibliográfica é essencial, pois, [...] serve de base, de alicerce para o fundamento e alcance dos objetivos dos outros tipos de pesquisa” (Leite, 2008, p. 47). Este momento permite o contato com o tema abordado e ao mesmo tempo um estudo de como chegar aos povos de terreiros.

A pesquisa iniciou com estudos biográficos utilizando a escrita de autores renomados na área, para melhor compreensão do tema abordado, logo adiante propormos a investigação através de relatos dos povos dos terreiros, como a escola tem se relacionado com os povos de religião de matriz africana. Analisando através de conversas seguindo com aplicação de questionário com perguntas estruturadas.

Após o estudo bibliográfico, iniciou-se um recorte dos bairros que seriam visitados. A pesquisa em campo onde se deram as entrevistas, estas são importantes, pois “[...] permite a captação imediata e corrente da informação desejada [...], oferece maior oportunidade para avaliar atitudes naquilo que é dito e como é dito: registros de reações, gestos [...]” (Leite, 2008, p. 103).

A pesquisa foi realizada em bairros da cidade de Brejo Santo–CE, o critério para a escolha é possuir uma população majoritariamente negra. Levando em consideração também que os bairros escolhidos possuem uma história de indiferença dos moradores com a cultura de outros, e o preconceito entre classes sociais que se

DOI: https://doi.org/10.47209/tychhd11

dizem inferiores devido a residir em bairros privilegiados. Os participantes da entrevista foram 7 dirigentes de terreiro de Candomblé e Umbanda, 4 mulheres e 3 homens.

A maioria dessas pessoas obteve seu primeiro contato com a religião ainda criança, portanto carrega conhecimento sobre a religião e transmite, mediante relatos, diferentes formas de racismo. O instrumento para obter informações foi com anotações de conversas e aplicação de questionário, utilizando como auxílio gravador de áudio para captar todas as informações exibidas. As entrevistas possuíam respostas distintas e demostrava através de sua fala como acontece o racismo religioso na escola.

A princípio, houve um importante suporte por meio das orientações e conversas com o professor responsável pela pesquisa, que compartilhou sua experiência na área de Ciências Humanas e destacou a relevância de refletir sobre os métodos de comunicação com as pessoas do terreiro. O objetivo era garantir que não se sentissem constrangidas com a presença do pesquisador nem com as perguntas realizadas. Essa atenção se justifica pela dificuldade de acesso a esses sujeitos, já que muitas vezes há receio em receber visitantes externos, sobretudo em razão do preconceito existente nas comunidades próximas aos terreiros.

Partindo do contexto histórico dos bairros estudados, reconhecidos como predominantemente negros e marcados por trajetórias de exclusão, mas também por fortes ancestralidades, observa-se que essas populações ainda enfrentam preconceito por parte de moradores de áreas mais elitizadas. Nesse cenário, a pesquisa de campo buscou compreender como se estabelece a relação entre os povos de terreiro e as escolas, com atenção especial à forma como os estudantes desses bairros e que também fazem parte do terreiro são percebidos no ambiente escolar, a partir dos relatos dos povos de terreiro.

Nesta perspectiva, deram início as visitas que aconteciam sempre por agendamento via mensagem, explicando o momento da pesquisa e sua importância para a valorização da cultura de matriz africana e para o enfrentamento do racismo religioso. Momento essencial destinada principalmente a aproximação do pesquisador com os/as entrevistados/as. Após várias visitas, foi introduzido as conversas o questionário com perguntas estruturadas, com auxílio de gravador de voz e anotações.

DOI: https://doi.org/10.47209/tychhd11

O Geraldo, que possuía seu terreiro localizado na vila feliz, próximo à lagoa do mato, foi o primeiro visitado. O ambiente em que aconteceram as conversas e entrevistas foi em uma escola que no momento, estava concluindo o ensino médio, seu terreiro estava temporariamente fechado por questões pessoais.

Em seguida, dirigimo-nos ao bairro Renê Lucena, aplicando o mesmo método de abordagem, explicando o foco da pesquisa, para então agendar as visitas. Vale ressaltar que existe uma grande dificuldade de povos de terreiros confiarem/acreditarem em povos em pessoas que não são da religião, devido ao preconceito da população. Devido a isso, as visitas agendadas quase sempre eram canceladas. Retornando a tentativa de contato em outro momento, seguindo com a mesma estratégia de interação que foi utilizado com os demais terreiros.

A análise das respostas seguia desde o momento em que se iniciavam os primeiros contatos, com conversas, seguindo e ganhando maior importância ao aplicar o questionário.

Vale salientar que a busca por informações de como a escola se relaciona com os povos de terreiros, que fazem parte da comunidade escolar, se deu devido à necessidade de entender como a lei 10.639 encontra-se inserida nas escolas pertencentes aos bairros. E tais circunstâncias proporcionaram a obtenção de relatos de povos de terreiros que possuem filhos de santo estudando nas escolas desses bairros, sobre como a falta de conhecimento dos alunos e o desinteresse da escola ocasionam dissabores em relação principalmente a religiões africanas. Contudo, este referido trabalho possui dados de questionamentos aplicados somente aos povos de terreiros.

3 RESULTADOS E DISCURSÃO

Nesta seção, são discutidos os dados obtidos a partir da pesquisa de campo realizada nos bairros de maioria negra da cidade de Brejo Santo–CE, dando continuidade à pesquisa anterior, na qual foi feito o mapeamento das manifestações culturais de matriz africana e identificadas as religiões Candomblé e Umbanda em alguns desses bairros. O presente estudo apresenta resultados de uma pesquisa qualitativa, realizada por meio de aplicação de questionários, conversas e registros em gravador de voz, com o objetivo de observar como as pessoas vinculadas aos

DOI: https://doi.org/10.47209/tychhd11

terreiros são percebidas e tratadas nas escolas que frequentam.

Vale salientar que os questionários com perguntas estruturadas foram aplicados aos dirigentes dos terreiros, mas que em algum momento os seus filhos de santo colaboraram com as ideias, trazendo informações relevantes, tornando possível perceber as diferentes situações de racismo religioso que esses povos enfrentam na escola do bairro.

Entender a formação dos bairros e como a cultura daquelas pessoas estão inseridas nas escolas é de extrema importância, pois muitas vezes os alunos possuem uma cultura diferente da maioria, desencadeando o preconceito e discriminação devido ao desconhecimento de suas crenças e culturas, e a escola tem papel fundamental em relacionar as manifestações culturais presente nas comunidades com as práticas escolares. Portanto, Luiz (2016, p. 23), afirma que “cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade”.

Seguido, expomos nossas considerações centradas por nossos entrevistados a luz do referencial teórico.

O quadro 1 mostra a quantidade de terreiros que foram identificados e quais são de Candomblé e Umbanda, a quantidade de questionários aplicados, bairros visitados e a quantidade de líderes religiosos que esses lugares sagrados possuem. A quantidade de questionário aplicado foi inferior à quantidade de terreiros identificados devido à rejeição de um integrante de receber o pesquisador, mesmo diante de muitas tentativas via mensagem de texto.

Quadro 1 - Quantidade de terreiros

Quantidade de Terreiros	Umbanda	Candomblé	Questionários Aplicados	Quantidade De Bairros	Lideranças De Terreiros
8	7	1	7	7	11

Fonte: Autores, 2025.

A seguir, os dados coletados são referentes à pesquisa em campo. Os questionários eram destinados principalmente aos líderes de terreiros, mas que em algumas situações as respostas eram reforçadas por seus filhos de santo, que reforçavam o que o pai de santo relatava. As informações sobre a população dos

DOI: https://doi.org/10.47209/tychhd11

bairros se referem a pessoas dos bairros que não pertencem à religião, o que facilitou o contato com as pessoas do terreiro.

Quadro 2 - Dados da pesquisa de campo

Nome dos Bairros	Quant de Terreiro Nos Bairros	População Dos Bairros	Povos de Terreiro Entrevistados	Lideres Homens	Lideres Mulheres
João e Joana	1	0	2	1	1
Morro Dourado	1	4	1	0	1
Renê Lucena	2	6	1	1	0
Capilé	1	0	1	1	0
São Francisco	1	2	3	2	1
Vila Feliz	1	2	1	1	0
Alto da bela Vista	1	1	1	0	1

Fonte: Autores, 2025.

A pesquisa possui como objetivo principal analisar como se dá o racismo religioso nas escolas mediante a relatos de povos dos terreiros, obtivemos então, resultados parciais, com objetivo alcançado para esta etapa da pesquisa. A seguir será demostrado as diversas formas que as pessoas e principalmente os estudantes de religião de matriz africana são vistos pelas instituições educacionais existente nos bairros.

No bairro René Lucena, possuem um terreiro de Candomblé, o único dessa da cidade. Seus filhos, na escola, são vítimas de discriminação e intolerância por parte de colegas e professores segundo o relato do dirigente, o município apresenta uma forte resistência à religiosa, com uma população majoritariamente católica. Ele afirmou que chegou à cidade há 10 anos e, apesar do tempo, nada mudou em relação ao preconceito que enfrentou. Seus filhos, na escola, são vítimas de discriminação e intolerância por parte de colegas e professores.

> Desde que cheguei aqui, eu sofro com o racismo, teve uma vez que invadiram a minha casa no momento de um culto, devido a isso eu desenvolvi ansiedade, hoje estou bem, mas já sofri muito por causa disso. Aqui nessa cidade o racismo é muito nítido, esses terrenos aqui em volta de casa é tudo pra vender, tem esse terreno aqui da frente que foi vendido, a pessoa comprou já ia era construir, ai quando descobriu que aqui é um terreiro, disse que não queria mais comprar. Meus filhos estudam tudo nessa escola que tem aqui no bairro, mas

DOI: https://doi.org/10.47209/tychhd11

> eu nunca recebi um convite para nenhum evento na escola, uma vez eu ensaiei uma peça com meus filhos de santo para apresentar na escola, mas a diretora não deixou meus filhos de santo apresentar, sendo que eles estuda la né? Outra vez estava tendo um debate na sala, e minha filha perguntou por que não fala das religiões e citou o Candomblé e a professora a mandou ir rezar (Alexandre).

No bairro Morro Dourado, se encontra o terreiro de mãe Lurdes, segundo ela afirma que sua casa é marginalizada pela maioria da comunidade, enfrentando intensa discriminação e preconceito. Liderado por uma mulher negra, junto com seus filhos e netos, o local é visitado por algumas pessoas da comunidade a cada 15 dias, quando realiza as festas para os Orixás. Ela compartilhou as dificuldades que sua família enfrenta.

> Eu acho que não é por mim, é modo a religião, por que tem muitos aqui se faz que é da igreja, mas tudim trabalha escondido, ai eu não tenho nada pra esconder, desde de criança sempre de eu criança, quando comecei, nem entendia muito, mas frequentava e não era escondido não, eu não tenho nada a esconder, vou esconder pra quer? Se eu escondo para você mais para o criador eu não tô escondendo, ele ta vendo tudo. Ai o povo aqui faz as coisas erradas, ai chega gente aqui para eu limpar, e o povo fica com inveja (Mãe Lurdes).

A fala de Mãe Lurdes revela o que muito se esculta nos terreiros, “somos discriminados pela nossa religião”, o fato de muitas pessoas não conhecerem, devido ser uma doutrina em que guarda consigo segredos destinados somente a seus adeptos, muitas pessoas julgam. Em outra fala, ela relata um acontecimento ocorrido na escola, sua sobrinha sofrendo racismo devido a possuir adereços da religião.

> Sobrinha veio de viajem, só porque eu fiz uma limpeza nela e teve que colocar o contra-egum no braço dela, ela frequentava muito aqui, mas se afastou. Aí ela foi pro colégio, chegou lá ficaram fazendo bullyng com ela, eu fui na escola, fui linda, fui do jeito que tô aqui, aí eu disse, que se a diretora e a coordenadora não resolvessem, eu ia levar pra justiça, porque isso ali era processo, é de ariscar até fechar o colégio, que lá todos é pra ser respeitado (Mãe Lurdes).

No bairro alto da bela vista, temos a fala de dona Francisca com seu terreiro recentemente inaugurado e com poucos integrantes, seus conhecimentos sobre a religião foram adquiridos mediante seu contato com dona Ledian. Diante da conversa e ao perguntar se a comunidade frequenta os cultos religiosos, responde com a seguinte fala:

DOI: https://doi.org/10.47209/tychhd11

> Quem mais quer vim é as crianças, mas não posso sem a ordem do pai né? É proibido, pelo menos aqui, por fora o pessoal aceita, mas aqui não, por canta da ignorância dos pais também né, tem que ver isso aí. Meus filhos de santo nunca sofreram com racismo por causa da religião não, mas eu já vi entre os coleguinhas na escola, tanto que teve um que deixou de usar seu guia. Também é por causa que o pai e a mãe não conversam com os filhos, acaba tirando brincadeira pesada (Dona Francisca).

Os relatos de Dona Francisca demonstram que existe um tratamento diferenciado com pessoas de terreiro nas escolas. Ela afirma que as crianças possuem um desejo de visitar seu terreiro, mas que infelizmente não pode receber sem autorização de um responsável, pois tem conhecimento de como as pessoas discrimina a religião, e tem muitos pais que não aceita suas crianças nesse local.

Na descrição fala de Dona Francisca demostra uma situação de racismo, que aconteceu na escola em que ela trabalha, esses acontecimentos nas instituições de ensino é frequente, devido à falta de conhecimento e orientações sobre as religiões de matriz africana, desenvolvendo assim, situações de racismo religioso entre os alunos, principalmente a grupos.

Buscamos contato com Geraldo, que possuía seu terreiro na Vila Feliz, no momento estava fechado. Segundo ele, estava se sentindo decepcionado, querendo ir embora da cidade devido a problemas pessoais e que envolvia sua crença religiosa juntamente com o preconceito da comunidade. O contato se iniciou enviando mensagens de texto explicando a etapa da pesquisa e a importância da sua participação para desenvolver. A visita física aconteceu em uma escola na qual estudava, devido a isso não houve muita comunicação, e o contato com ele aconteceu uma única vez. Iniciando com conversa e em seguida aplicação do questionário.

Ele afirma que a religião é frequentemente inferiorizada e que a falta de informação leva as pessoas a julgamentos precipitados. Em um de seus relatos, Geraldo afirma que pessoas bateram na porta, ameaçando ligar para a polícia, pelo som do atabaque e dizendo que era coisa do diabo". No transcorrer da entrevista, ele descreve um fato que, segundo ele, lhe comoveu bastante: o racismo religioso surgiu de pessoas que ele menos esperava e afirmar:

> Eu fui convidado para coroação da santa, por uma pessoa que diz defender as religiões de matriz africana e defender a igualdade para todos e tudo mais. Quando eu cheguei lá, essa mesma pessoa me pediu para eu retirar os adereços que eu estava usando, porque as

DOI: https://doi.org/10.47209/tychhd11

> pessoas que estava lá não iam gostar, por ser um evento da igreja católica (Geraldo).

No bairro São Francisco, localizamos o terreiro e o depoente relatou sofrer com o preconceito da comunidade, mencionando em conversas que a polícia já interrompeu cultos devido a denúncias da vizinhança. Ele afirma que sua maior tristeza é ver que as crianças precisam dele muitas vezes para se curar de algo, mas que não pode frequentar sua casa devido a acusações de moradores, pois houve um acontecido em que a polícia chegou no local no momento do culto e havia uma criança. Após esse conflito, não permitiu a presença de crianças em seu terreiro. Afirma também que, embora possua alvará para garantir seu direito, ele continua a enfrentar racimo religioso. Essa situação revela a resistência enfrentada por líderes religiosos de matrizes africanas em bairros da cidade.

> Houve uma vez que a polícia veio aqui, acho que alguém ligou para denunciar porque tinha uma criança aqui, aí quando eu mostrei um alvará, a polícia pediu que a criança fosse pra casa e eu encerrei o culto. Aqui é assim se entrar uma criança aqui a polícia chega. As vezes tem uma criança que precisa vim, que estava carregado ou doente, mas não pode vir por que se não a polícia chegar (Pai João).

Recentemente, foi encontrado um terreiro de Umbanda, segundo seu dirigente, a comunidade respeita, mas que a polícia já interrompeu o culto, devido a denúncias de moradores que reclamam do barulho do atabaque. Diante disso, a comunidade aceita e muitas pessoas frequentam confuso. Segundo o dirigente, houve uma situação em que um filho de santo foi proibido de entrar na escola por não estar utilizando o fardamento da instituição, mesmo que, nesse local, alunos de outras religiões tenham o direito de frequentar a escola sem uniforme.

> Aqui meus filhos de santo nunca foram expulsos da escola não, mas já reclamaram de estarem usando adereços da religião no ambiente escolar. Houve uma vez também, que duas filhas foram reprimidas no trabalho devido a encontrasse-se falando da nossa religião (Carlos).

O terreiro de seu Carlos é uma propriedade alugada e ele não mora no ambiente. Segundo ele, os filhos de santo ajudam nas dispersas e todos colaboram de alguma forma na ordenação. A propriedade se assemelha a um edifício comercial de grandes portões, bem localizado e bem estruturado. Durante o dia, permanece fechada, abrindo apenas em dias de culto ou para receber visitantes.

DOI: https://doi.org/10.47209/tychhd11

O terreiro de Carlos possui documentação para receber crianças e adolescentes menores de 18 anos. Ele afirma que crianças e adolescentes menores de idade só participam dos cultos religiosos com declaração assinada por responsável e reconhecida firma em cartório. Na cidade, foram explorados outros locais sagrados de origem africana, os quais apresentam uma estrutura distinta. Os dirigentes residem no templo onde os rituais são realizados, com os cômodos da residência sendo divididos, dedicando um dos quartos para acolher as pessoas.

Neste contexto, sabemos que o Brasil é um país que possui em suas raízes uma herança multicultural, lugar de protagonismo de uma história dolorosa dedicada principalmente aos grupos de indígenas e descendentes de escravizados, estes que chegaram no local para exercer as mais difíceis tarefas e passar por diferentes formas de humilhação. A exclusão de grupos e a separação das pessoas de acordo com sua cor, com seus fazeres culturais e sagrados, acontece desde a formação das primeiras cidades, no período escravista. Sobretudo, os processos de negação do "outro" também se dão no plano das representações e no imaginário social" (Moreira, Candau, 2008, p. 17).

Historicamente, desde a formação das primeiras cidades brasileiras a população negra deveria morar em lugares reservado pela elite histórica e racista brasileira. Segundo Cunha (2020, p. 23), o racismo tem produzido "Lugares à margem do pensamento e da prática de urbanização, portanto fora do desenho urbano e sem investimentos proporcionais à densidade da população, sem um reconhecimento da importância da forma urbana das populações negras".

Desde o começo da história de formação do Brasil em que milhares de pessoas eram arrancadas de seu país de origem e trazidas como escravizados, traziam consigo em suas religiões, seus costumes e cultura. De acordo com Pradi (2003 *apud* Caputo, 2012) as religiões de matriz africana passaram por processo de mestiçagem, ou seja, as religiões de matriz africanas passaram por uma combinação de Orixás com os santos católicos, se tornando essencial para a formação da cultura brasileira, sendo que a partir da cultura de pessoas escravizadas que vinham da África que recriava o mundo com sua cultura no território brasileiro. Hoje a Constituição Federal assegura em seu artigo 5º:

> É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a

DOI: https://doi.org/10.47209/tychhd11

> proteção aos locais de culto e a suas liturgias. Ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei (Brasil, 1988).

Assim, sabendo que a população Brasileira e maioria negra, neste contexto a Lei 10.639/2003, a qual foi uma promulgação que alterou a Lei 9.394/1996, o principal intuito reparar os danos causados à população negra e sua história. A lei em questão determina o ensino de história africana obrigatório nos currículos escolares, visando a valorização de culturas de matriz africanas, principalmente nos ambientes escolares, com intuito de enfrentar o preconceito e a discriminação entre os alunos.

Afirmação de direitos, no que diz respeito à educação, passou a ser particularmente apoiada com a promulgação da Lei 10.639/2003 […] “estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura. Reconhecimento implica justiça e iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos, bem como valorização da diversidade daquilo que distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira” (Brasil, 2004, p. 11).

A lei 10.630, acredita que através da educação e do ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas, amplia a possibilidade de enfrentamento aos casos de racismo e discriminação principalmente no ambiente escolar, e assim, disponibilizar, por meio de uma educação igualitária e com valorização e reconhecimento a cultura africana e sua identidade, entendendo que são fundamentais para formação dos territórios brasileiros. Pois, como pontua Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (Brasil, 2013, p. 23), “Reconhecimento requer a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar as desigualdades presente na educação”.

Estudos apontam que a escola é considerada ambiente em que se perpétua diferentes culturas, e que a mesma deve obter consciência para romper com caráter homogeneizador e monocultural que é cada dia mais forte, e consumir práticas educativas em que as questões das diferentes culturas sejam valorizado, diante disso, entendemos que através do conhecimento de práticas culturais distintas que desconfiguramos ideias obscuras sobre manifestações culturais não padronizada pela a maioria da sociedade.

DOI: https://doi.org/10.47209/tychhd11

Para Moreira e Candau (2008, p. 18) “a uma concepção da escola como um espaço de cruzamento de culturas, atravessado por tensões e conflitos”. Sendo que essas contendas muitas vezes geram consequências na vida dos estudantes. Entendendo que a escola possui um papel importante nas transformações da realidade que vivemos. Nesta perspectiva, os autores afirmam:

> A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tendendo a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar (Candau, Moreira, 2003, p. 16).

A escola, ao longo do tempo, mostrou dificuldade em conviver com a diversidade e com as diferenças, preferindo muitas vezes silenciá-las ou uniformizá-las. Sente-se mais segura quando todos seguem o mesmo padrão. Contudo, sua principal dificuldade reside em aceitar a diversidade, precisamente a questão acerca das religiões afrodiaspóricas, apreciar o distinto e fomentar a interação entre os fazeres culturais e sagrados de matrizes africanas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em questão é uma continuidade de um trabalho desenvolvido no ano de 2023 a 2024 e que obteve como objetivo realizar o mapeamento das manifestações culturais de matriz africana em bairros de maioria negra. No entanto, neste referido trabalho buscou-se continuidade, mas com uma linha de pesquisa voltada para as religiões de matriz africana, Candomblé e Umbanda, e como acontece o racismo religioso, a partir dos relatos dos dirigentes de terreiro. Neste sentido, identificamos que a cidade demonstra possuir crenças religiosas diversificadas, cristãs em sua maioria e predominando católicos, em sua minoria é colocada em condição de invisibilidade às afrodiaspóricas.

A pesquisa possui resultados parciais, mediante a fala dos entrevistados é percebível que existe um tratamento diferenciado e um racismo religioso quanto a povos de terreiros nos ambientes escolares, principalmente ao utilizar adereços e vestimentas da religião que não fazem parte do fardamento escolar. É possível perceber no trato com crianças proibidas de entrar na escola por estarem com adereços sagrados.

DOI: https://doi.org/10.47209/tychhd11

As análises iniciais demonstram que as manifestações religiosas de matrizes africanas, como o Candomblé e a Umbanda, continuam a enfrentar um estigma significativo, resultando em práticas de ocultamento e medo entre os praticantes. Sendo possível observar, mediante a fala dos entrevistados, que há registros de preconceito e racismo religioso, como, por exemplo, o trato com as pessoas e crianças que foram proibidas de entrar na escola por estarem com os adereços sagrados.

As situações cotidianas relatadas por pessoas do terreiro revelam um ambiente que perpassa o racismo religioso, em que são marginalizados, rotulados como pregadores do mal no seu cotidiano e também no ambiente escolar. A resistência enfrentada e as dificuldades que esses povos vivenciam evidenciam a urgência de ações educativas que promovam o respeito e a valorização da diversidade. Pois sabemos que a escola tem um papel fundamental e de extrema importância na formação de pessoas. É imprescindível enfrentar essa discriminação e o racismo por meio da educação.

É importante destacar que esses espaços sagrados, em seus atos simbólicos ou não simbólicos, de Umbanda e de Candomblé, apresentam-se como lugares de manutenção e perpetuação da memória ancestral, logo lugares de fazer pedagógicos e educativos no que se refere às tradições africanas. “A educação nesses lugares, no seu cotidiano, ensina normas e valores religiosos e morais condizentes com seus princípios ancestrais. Seu fazer pedagógico possui seus próprios métodos e fazeres” (Domingos, 2015, p. 229). Pois neles, existe “[...] uma dinâmica que permite a transmissão dos conhecimentos” (Domingos, 2015, p. 229).

Além disso, a análise das práticas religiosas de matriz africana em Brejo Santo reforça a urgência de ações que envolvam não apenas a escola, mas toda a comunidade, valorizando o diálogo e o respeito às tradições culturais. Reconhecer o Candomblé, a Umbanda e outras práticas afrodiaspóricas como patrimônio cultural é fundamental para desconstruir estigmas e promover a convivência respeitosa entre diferentes crenças. Nesse sentido, iniciativas como campanhas de conscientização e programas de formação continuada para educadores não apenas ampliam a compreensão sobre a diversidade religiosa, mas também contribuem para combater o racismo religioso preconceito e construir ambientes escolares mais inclusivos, seguros e acolhedores, onde a memória e os saberes ancestrais sagrados afrodiaspóricos possam ser respeitados na sua diferença.

DOI: https://doi.org/10.47209/tychhd11

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnicoraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros**: como a escola se relaciona com crianças de candomblé. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

CUNHA JR., Henrique. Africanidades, Afrodescendência e Educação. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, ano 23, v. 2, n. 42, p. 05-15, 2001. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/14604. Acesso em: 13 abr. 2025.

CUNHA JR, Henrique; RAMOS, Maria Estela Rocha. Territórios de maioria afrodescendente: Segregação Urbana, Cultura e Produção da Pobreza da População Negra nas Cidades Brasileiras. **Revista Desenvolvimento Social**, v. 1, n. 2, p. 77-85, 2008. Disponível em: https://www.periodicos.unimontes.br/rds/article/view/1525/1724. Acesso em: 13 fev. 2025.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Bairros negros: a forma urbana das populações negras no brasil. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, ed. 11, p. 65-86, 2019. Disponível em: https://abpnrevista.org.br/site/article/view/683. Acesso em: 13 dez. 2024.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. Bairros negros, a forma urbana das populações negras no Brasil: disciplina da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. **Crítica & sociedade**, Uberlândia, v. 10, n. 1, 2020. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/criticasociedade/article/view/57847. Acesso em: 13 jun. 2025.

DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. **Religiões tradicionais de base africana no cariri cearense**: educação, filosofia e movimento social. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

DOMINGOS, Reginaldo Ferreira. Racismo Religioso, A perversa truculência colonialista perpetuada e perpetrada na história contemporânea. *In:* MENESES, Sônia (org.). **História, memória e direitos humanos**. São Paulo: Letra & Voz, 2019. p. 1-256.

LEITE, Francisco Tarciso. **Metodologia Científica**: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros. 3. ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de S. (org.). **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e

DOI: https://doi.org/10.47209/tychhd11

cultura (s): construindo caminhos. **Revista brasileira de educação**, n. 23, p. 156-168, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/99YrW4ny4PzcYnSpVPvQMYk/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 13 jan. 2025.

MOREIRA, Antônio Flávio. CANDAU, Vera Maria (orgs.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris: ONU, 1948.

ROMANELLI, Otaíza de O. **História da educação no Brasil**. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANT´ANA. Antônio Olímpio de. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. *In:* MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2005. p. 39-96.

Recebido em: 24/11/2025
Aceito em: 19/05/2026
Publicado em: 29/10/2026

Este conteúdo está licenciado sob uma Licença Creative Commons BY-NC-AS 4.0